



# Poemas

## Quinhentismo: 1500

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?  
- Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso,  
Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal  
pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui  
colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não  
cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão  
pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo  
embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de  
Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de  
tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno  
estado, Tal me fez o teu pecado.

## **Barroco: 1601**

O todo sem a parte não é todo, A parte sem o todo não é parte, Mas se a parte o faz todo, sendo parte, Não se diga, que é parte, sendo todo. Em todo o sacramento está Deus todo, E todo assiste inteiro em qualquer parte, E feito em partes todo em toda a parte, Em qualquer parte sempre fica o todo. O braço de Jesus não seja parte, Pois que feito Jesus em partes todo, Assiste cada parte em sua parte. Não se sabendo parte deste todo, Um braço, que lhe acharam, sendo parte, Nos disse as partes todas deste todo.

(Soneto de Gregório de Matos)

## **Arcadismo: 1768**

Se é Doce Du bocage Se é doce no recente, ameno  
Estio Ver tocar-se a manhã de etéreas flores, E,  
lambendo as areias e os verdores, Mole e queixoso  
deslizar-se o rio; Se é doce no inocente desafio  
Ouvirem-se os voláteis amadores, Seus versos  
modulando e seus ardores Dentre os aromas de pomar  
sombrio; Se é doce mares, céus ver anilados Pela  
quadra gentil, de Amor querida, Que esperta os  
corações, floreia os prados, Mais doce é ver-te de  
meus ais vencida, Dar-me em teus brandos olhos  
desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que a vida.

## ***Romantismo: 1836***

Gonçalves Dias:

Canção do exílio Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores. Em cismar, sozinho, à noite, Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Minha terra tem primores, Que tais não encontro eu cá; Em cismar — sozinho, à noite — Mais prazer encontro eu lá; Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá. Não permita Deus que eu morra, Sem que eu volte para lá; Sem que desfrute os primores Que não encontro por cá; Sem qu'inda aviste as palmeiras, Onde canta o Sabiá.

## **Realismo: 1881**

### **AUTOPSICOGRAFIA**

O poeta é um fingidor. Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente. E os  
que lêem o que escreve, Na dor lida sentem bem, Não  
as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm. E  
assim nas calhas da roda Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

**Naturalismo: 1881**

## **SE EU MORRESSE AMANHÃ**

**Se eu morresse amanhã, viria ao menos Fechar meus olhos minha triste irmã; Minha mãe de saudades morreria Se eu morresse amanhã! Quanta glória pressinto em meu futuro! Que aurora de porvir e que amanhã! Eu perdera chorando essas coroas Se eu morresse amanhã! Que sol! que céu azul! que doce n'alva Acorda a natureza mais louçã! Não me batera tanto amor no peito Se eu morresse amanhã! Mas essa dor da vida que devora A ânsia de glória, o doloroso afã... A dor no peito emudecera ao menos Se eu morresse amanhã!**

**Álvares de Azevedo**

## **Parnasianismo: 1881**

A Cavalgada

Raimundo Correia

A lua banha a solitária estrada... Silêncio!... mas além,  
confuso e brando, O som longínquo vem se  
aproximando Do galopar de estranha cavalgada. São  
fidalgos que voltam da caçada; Vêm alegres, vêm  
rindo, vêm cantando, E as trompas a soar vão agitando  
O remanso da noite embalsamada... E o bosque estala,  
move-se, estremece... Da cavalgada o estrépito que  
aumenta Perde-se após no centro da montanha... E o  
silêncio outra vez soturno desce, E límpida, sem  
mácula, alvacenta A lua a estrada solitária banha...

## **Simbolismo: 1893**

### Dilacerações

Ó carnes que eu amei sangrentamente, ó volúpias letais e dolorosas, essências de heliotropos e de rosas de essência morna, tropical, dolente... Carnes, virgens e tépidas do Oriente do Sonho e das Estrelas fabulosas, carnes acerbadas e maravilhosas, tentadoras do sol intensamente... Passai, dilaceradas pelos zelos, através dos profundos pesadelos que me apunhalam de mortais horrores... Passai, passai, desfeitas em tormentos, em lágrimas, em prantos, em lamentos em ais, em luto, em convulsões, em dores...

## **Modernismo: 1922**

Pronominais Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e o bom branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa disso camarada Me dá um cigarro.  
Oswald de Andrade

## **Modernismo: 1922**

**Pronominais Dê-me um cigarro Diz a gramática Do professor e do aluno E do mulato sabido Mas o bom negro e o bom branco Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa disso camarada Me dá um cigarro.**

**Oswald de Andrade**